

SABERES TRANSDISCIPLINARES: UMA DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA NA COMPREENSÃO DA VIDA

TRANSDISCIPLINARY KNOWLEDGE: AN EPISTEMOLOGICAL DIMENSION IN THE UNDERSTANDING OF LIFE

Kênia Paulino de Queiroz Souza¹

Maria José de Pinho²

Jéssica Victória Batista Rodrigues³

Resumo: Este artigo aborda a dimensão epistemológica da transdisciplinaridade no contexto das transformações contemporâneas e da religação de saberes plurais, que tensionam a superação de construções fragmentadas na produção do conhecimento. O objetivo geral deste estudo consiste em refletir sobre a dimensão epistemológica da transdisciplinaridade no processo de construção do conhecimento, com vistas à compreensão do mundo presente. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, orientada pela análise interpretativa de produções teóricas no campo da transdisciplinaridade. As discussões evidenciam que essa perspectiva possibilita uma leitura ampliada da realidade, ao articular diferentes níveis de percepção e ao reconhecer a relação dinâmica entre sujeito, conhecimento e mundo. Nesse percurso, destaca-se a superação de visões reducionistas, a valorização das conexões entre saberes e a construção de uma atitude orientada pelo rigor, pela abertura e pela tolerância. A transdisciplinaridade contribui para a constituição de modos de conhecer mais integradores e sensíveis à complexidade dos diferentes níveis de realidade, favorecendo a compreensão do mundo contemporâneo e suas implicações para a vida em sua dimensão planetária.

Palavras-chave: epistemologia transdisciplinar, complexidade, construção do conhecimento.

Abstract: This article addresses the epistemological dimension of transdisciplinarity within the context of contemporary transformations and the reconnection of plural forms of knowledge, which challenge the overcoming of fragmented approaches to knowledge production. The main objective of this study is to reflect on the epistemological dimension of transdisciplinarity in the process of knowledge construction, aiming at a better understanding of the present world. Methodologically, this is a qualitative study developed through a bibliographic review, guided by the interpretative analysis of theoretical works in the field of transdisciplinarity. The discussions reveal that this perspective enables an expanded understanding of reality by articulating different levels

¹ Doutora em Educação na Amazônia - Educante-PPGEA, Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/4796133608743012> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7352-824X>

Email: kenia.pq@unitins.br

² Doutorado em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós - Doutorado em Educação pela Universidade do Algarve-Portugal. Email: mjpinho@uft.edu.br

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Tocantins. Membro do grupo de pesquisa Criatividade e ecoformação na Educação Básica e no Ensino Superior. Bolsista da Iniciação Científica do CNPq. Email: jessicabatista@unitins.br

of perception and recognizing the dynamic relationship between subject, knowledge, and world. In this process, the study highlights the overcoming of reductionist views, the appreciation of connections among different forms of knowledge, and the development of an attitude guided by rigor, openness, and tolerance. Transdisciplinarity contributes to the construction of more integrative ways of knowing, sensitive to the complexity of different levels of reality, thus fostering a deeper understanding of the contemporary world and its implications for life on a planetary scale.

Keywords: transdisciplinary epistemology, complexity, knowledge construction.

Introdução

A complexidade do mundo contemporâneo, marcada por crises sociais, ambientais, culturais e educacionais, tem evidenciado os limites de uma visão fragmentada do conhecimento, historicamente sustentada pelo paradigma disciplinar. Embora a organização disciplinar tenha contribuído para avanços significativos, sua lógica mostra-se insuficiente diante da complexidade dos fenômenos que articulam dimensões sociais, culturais, tecnológicas e ecológicas. Nesse cenário, torna-se pertinente situarmos a transdisciplinaridade como uma possibilidade de ampliação do olhar, ao propormos uma compreensão que ultrapassa fronteiras e favorece a articulação entre diferentes níveis de realidade.

A transdisciplinaridade é compreendida como uma abordagem que se estabelece para além das disciplinas, orientando-se pela busca de uma leitura mais integrada e coerente do mundo (Nicolescu, 1999). Tal perspectiva fundamenta-se em princípios como os níveis de realidade, o terceiro incluído e a complexidade, que tensionam a lógica binária e possibilitam novas formas de compreender o conhecimento. Em diálogo com essas ideias, ampliamos esse campo ao incorporar dimensões epistemológicas, metodológicas e atitudinais, evidenciando o caráter relacional e multidimensional do conhecer.

Nesse contexto, emerge como problemática central a seguinte questão: como os fundamentos epistemológicos da transdisciplinaridade podem contribuir com a construção do conhecimento para a compreensão do mundo presente? Tal indagação se justifica pela necessidade de superar abordagens reducionistas que não dão conta de apreender a dinamicidade da realidade ou das realidades, bem como de compreender como o sujeito se insere nesse processo de construção de conhecimento.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo consiste em refletir sobre a dimensão epistemológica da transdisciplinaridade no processo de construção do conhecimento, com vistas à compreensão do mundo presente. Para tanto, considera-se a articulação entre sujeito e objeto, bem como a relação entre níveis de percepção e realidade, em uma perspectiva que reconhece o conhecimento como um movimento contínuo e relacional.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa (Chizzotti, 2000), desenvolvida por meio de revisão bibliográfica (Gil, 2010). Para Chizzotti (2000, p. 79), “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o objeto, um vínculo indissociável entre o objetivo e a subjetividade do sujeito”. Tal escolha se justifica pela natureza do estudo, que demanda análise interpretativa e reflexiva de produções teóricas no campo da transdisciplinaridade. A revisão foi orientada pela seleção de obras de referência, com ênfase na perspectiva de Nicolescu (1999; 2018), Moraes (2008a; 2008b; 2018; 2021) e Paul (2005), bem como em autores que dialogam com essa visão, possibilitando uma produção interconectada com a vida.

Essa discussão, no campo mais amplo das relações entre conhecimento, sujeito e realidade, propõe-se a contribuir com reflexões acerca das possibilidades de construção de saberes que dialoguem com as demandas do mundo contemporâneo. Ao considerarmos a transdisciplinaridade como um caminho possível, buscamos evidenciar não apenas sua relevância teórica, mas suas implicações para os modos de pensar, agir e se relacionar com a complexidade que constitui a vida em sua dimensão planetária.

Um olhar epistemológico para a transdisciplinaridade

À luz da transdisciplinaridade apresentada por Nicolescu (1999), propomo-nos a dialogar com uma perspectiva epistemológica do conhecer, entendida como um movimento pelo qual o ser humano constrói sentidos a partir de uma concepção transdisciplinar. Tal movimento busca ultrapassar os limites do contexto educacional, alcançando uma compreensão mais abrangente do

mundo – em especial, o atual. Ao trilhar essa dimensão epistemológica da transdisciplinaridade, não desconsideramos suas demais dimensões, nem mesmo a metodológica; mas, reconhecemos sua interdependência.

Ainda assim, nesse percurso, evidenciam-se fundamentos que, em sua própria constituição, remetem à epistemologia como eixo estruturante do processo de conhecer. Dizer o mundo atual implica, antes de tudo, admitir a abertura para a existência de outros mundos possíveis. Ao nos situarmos a partir de um determinado ponto de vista, aquilo que compreendemos como realidade passa a fazer sentido para um ou mais sujeitos, sem, contudo, esgotar as múltiplas formas de apreensão da realidade. Considerando o caráter multidimensional da realidade, torna-se pertinente reconhecer a presença de diferentes perspectivas – ora convergentes, ora tensionadas por contradições – com as quais o diálogo não apenas se torna possível, mas necessário.

O reconhecimento da presença de perspectivas diversas, inclusive aquelas que se apresentam em tensão ou contradição, já nos insere em um movimento que favorece a compreensão da abordagem transdisciplinar, conforme assinala Nicolescu (1999). Nessa direção, abre-se a possibilidade de ultrapassar visões marcadas pelo dualismo e pela exclusão, ainda recorrentes em distintos contextos da experiência humana, permitindo a construção de um olhar mais integrador e aberto à multidimensionalidade da realidade.

Essa discussão extrapola, de maneira significativa, os limites do campo do ensino. Ao evocarmos a superação da lógica disciplinar, ainda que o termo tenha emergido, inicialmente, com essa finalidade, conforme aponta Nicolescu (1999), passamos a considerar uma dimensão de alcance planetário. Trata-se de um entrelaçamento de ações e reações que se manifestam tanto no plano local quanto no global, configurando decisões ancoradas em uma determinada visão de mundo, cujos efeitos incidem sobre o Universo, sobre a vida ecológica e sobre todos os seus habitantes.

Nessa perspectiva, a forma como compreendemos a vida e o mundo não se restringe ao plano individual, mas reverbera no âmbito social e nas dimensões que sustentam o planeta. Sob o olhar epistemológico, a transdisciplinaridade pode ser compreendida a partir de um movimento que articula dimensões

internas e externas da existência humana, cujas interações produzem desdobramentos que alcançam outras formas de vida no contexto ecológico.

À luz da dimensão ontológica do pensamento complexo, compreendemos que abordar a vida significa tocar aquilo que mobiliza o ser e confere sentido à sua existência. Ao prosseguirmos nesse percurso, estabelecemos vínculos com a dimensão epistemológica da transdisciplinaridade, entendida como um movimento contínuo de conhecer, no qual se delineia uma trajetória marcada pela articulação e pela construção de conhecimentos.

Essa conexão se estabelece a partir do elo que articula o próprio ser ao sujeito que se move pela busca e pelo conhecer. Nesse horizonte, a vida se apresenta, entre outros aspectos, como um dos fundamentos que sustentam e justificam o exercício reflexivo e as conexões de saberes que se constroem neste espaço.

Ao buscarmos compreender essa dinâmica contínua do conhecer, retomamos a inquietação apresentada por Nicolescu (1999), ao final do século XX, quando o autor sinaliza a necessidade de respostas diante de um mundo marcado por crises, conflitos e múltiplos desafios. Já no século XXI, aproximadamente dezenove anos depois, Nicolescu (2018) reafirma tal necessidade, evidenciando a transdisciplinaridade como um caminho possível para compreender e intervir em uma realidade que se tornara ainda mais complexa e instável.

No transcurso do tempo, em diálogo com experiências diversas, o ser humano passa a ressignificar suas percepções acerca de vivências e de acontecimentos que as constituíram. Ainda assim, a perspectiva apresentada por Nicolescu (1999; 2018) não apenas se mantém, como se intensifica, especialmente no que se refere às suas preocupações com o planeta e com as decisões humanas, cujos efeitos se desdobram em escalas local e global, incidindo tanto no plano individual quanto no social, com implicações diretas para o presente e para o futuro.

Diante desse cenário, e ao situarmos o olhar no ano de 2026, torna-se cada vez mais evidente a urgência do “conhecer” sob uma perspectiva transdisciplinar, uma vez que o mundo se apresenta atravessado por conflitos

que se manifestam simultaneamente em diferentes dimensões. A título de exemplo, podemos mencionar as guerras no Oriente Médio, cuja profundidade e alcance têm afetado de forma contundente a vida em escala global. Embora não seja nosso propósito aprofundar tal discussão, sua menção se faz necessária, na medida em que constitui um marco significativo desse contexto desafiador e o quanto o local e o global estão interconectados.

Com o intuito de ampliar a compreensão acerca do mundo, ainda no século XX, um importante referencial se materializa por meio do Manifesto da Transdisciplinaridade (Nicolescu, 1999). Ao assumir uma atitude transdisciplinar, o autor apresenta, em seu manifesto, uma perspectiva de leitura da vida e do mundo que ultrapassa os limites de uma abordagem meramente teórica, configurando-se como expressão de uma consciência profundamente conectada à existência.

A transdisciplinaridade, “como o prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (Nicolescu, 1999, p. 51). Tal compreensão é reiterada em outras produções do autor, nas quais se destaca a existência de um campo que se situa entre e para além das disciplinas. Diante disso, torna-se imprescindível retomar esse conceito, dada a ênfase recorrente que Nicolescu (1999) lhe confere ao longo de sua obra. Assim, com Paul (2005) é possível observarmos um panorama sobre o campo disciplinar e transdisciplinar para compreendermos as características dos saberes disciplinares fechados e, também, as características dos saberes transdisciplinares, como podemos ver no Quadro 01:

QUADRO 01 - PERSPECTIVAS DOS SABERES DISCIPLINARES E TRANSDISCIPLINARES

SABERES DISCIPLINARES	SABERES TRANSDISCIPLINARES
Realidade independente do observador: hipótese objetiva	Anti-realismo, as propriedades dos objetos são dependentes da observação : hipótese subjetiva e auto-formativa
Independência do objeto (realidade objetiva)	Interdependência sujeito-objeto (realidade fenomênica), interações/retroações
Reduccionismo científico, fechamento dos campos disciplinares	Não-reduccionismo , complexidade
Causalismo , determinismo	Contradições , paradoxos
Temporalidade linear , passado-futuro	Temporalidade retro-antecipadora (auto-organização)

Lógica do terceiro excluído , racionalidade discursiva	Lógica dialética e dialógica do tipo terceiro incluído , racionalidade hermenêutica e intuitiva
Lógica de elucidação	Lógica de acompanhamento
Fechamento disciplinar (divergências, diferenças)	Interfaces (entre, através e além das disciplinas), realidade aberta , convergência
O sujeito , ponto cego do conhecimento científico	O real , ponto cego do conhecimento transdisciplinar
Pesquisa de signos/significantes	Articulação entre sensação, significação e sentido/ interpretação
Separar	Religar
Investigação da prova	Investigação de testemunho
Certeza /ordem conflitante	Incerteza /desordem não-conflitante
Epistemologia da reflexão	Epistemologia da ação
Métodos quantitativos (que asseguram um tampão estatístico das variações individuais de medida) tendendo para a universalidade.	Métodos qualitativos (apontam unicidade de cada caminho), mas cujo caráter torna-se possivelmente heurístico pela determinação de leis gerais.
Tensão para o universal pela eliminação do singular (quantitativo)	Valoriza a relação singular-universal (qualitativo)

Fonte: Elaborado com base em Paul (2005).

As características dos saberes disciplinares e transdisciplinares apresentados no quadro 01 a partir da perspectiva de Paul (2005) têm o intuito de evidenciar pontos focais de suas características não como lados opostos, embora apresentem concepções que, em muitos momentos se configuram como opostas. Entretanto o convite à análise e reflexão aqui apresentadas caminha na direção da complementaridade desde que não permeie o campo da exclusão. Reconhecendo assim, o caminhar no percurso da transformação, da mudança de visão e que reconhece o contexto histórico, que faz parte de uma trajetória epistemológica ao buscar conhecer e religar saberes no âmbito transformador.

Ao mesmo tempo em que explicita tensões e contradições, elementos indispensáveis à compreensão, o Quadro 01 também favorece o avanço na direção do reconhecimento da chamada terceira via. Trata-se da religação como possibilidade de continuidade da vida, situada para além das disciplinas e das articulações entre saberes, podendo ser operada pelo próprio sujeito em seu processo de conhecer.

Essa visão epistemológica da transdisciplinaridade nos move ainda a ir além desse olhar religador, a compreendermos que as fronteiras existem para serem transgredidas quando aprisionam e excluem. Ao pensarmos no campo da

microfísica, percebemos que o espaço entre as fronteiras – tanto disciplinares quanto os níveis de realidade –, que aparentemente está vazio na visão da física clássica, não necessariamente está vazio. Nicolescu (1999) nos sinaliza o contrário, que os espaços estão cheios, que existem potencialidades que motivam o surgimento de vidas no âmbito do Universo, e que eles se conectam independentemente da distância em que se encontram uns dos outros.

Para tanto, “no processo de conhecer, a passagem de um nível a outro faz surgir uma estrutura diferente que requer novas ferramentas de abordagem conceitual, uma outra lógica, dando origem a um conhecimento de natureza transdisciplinar” (Moraes, 2021, p. 203).

A apresentação dos princípios da abordagem transdisciplinar no final do século XX, nos propiciou hoje, reflexões que favorecem a busca por um conhecimento menos parcelar, mais conectado, menos excludente, mais interligado, que reconheça as vias, as aberturas e as transições possíveis entre diferentes campos, níveis e ambientes, para percebermos e compreendermos o nosso entorno, ou pelo menos que nos possibilite caminhos que nos levem a tais compreensões.

Sob esse olhar, a transdisciplinaridade permite reinscrever o ser humano no processo de construção do conhecimento, resgatando o sujeito que, em determinados momentos, foi silenciado, ou mesmo negado, pela ciência (Nicolescu, 1999). Ao mesmo tempo, abre espaço para reconhecer a vida para além dos fatos, incorporando movimentos fenomenológicos, níveis de realidade da microfísica e da macrofísica, bem como dimensões que extrapolam o objeto e a matéria, alcançando o campo do abstrato, da subjetividade e das conexões que se movem constantemente dentro de cada ser.

A transdisciplinaridade proposta por Nicolescu (1999) distancia-se da rigidez do cientificismo clássico, sem, contudo, negar a existência de dualidades. Ao contrário, revela a presença de fronteiras que podem ser transgredidas em uma perspectiva complementar, que considera a vida, as relações e as construções para além de dogmas, preconceitos e processos excludentes que historicamente objetificaram o sujeito.

A transdisciplinaridade por uma compreensão do mundo presente

O manifesto da transdisciplinaridade trouxe um marco na história da educação em que se apresenta como uma manifestação que requer a transcendência da visão de mundo e da construção do conhecimento. Ele não se configura como um caminho único, mas como uma possibilidade de percurso que permite ao ser humano explorar suas potencialidades de desenvolvimento e de inter-relação por meio da religação com a vida. Tal movimento pode conduzir, no “plano social, a uma mudança radical de perspectiva e de atitude” (Nicolescu, 1999, p. 153), dentro dos fundamentos transdisciplinares. Entretanto, até aqui nos questionamos: como podemos perceber fundamentos que sustentam a epistemologia por meio da transdisciplinaridade nessa interconexão com o ser humano?

Para avançar nessa compreensão, torna-se necessário retomar os fundamentos dessa abordagem no plano epistemológico, sem desconsiderar suas dimensões ontológica e metodológica, uma vez que todas contribuem tanto para o campo educacional quanto para a vida em escala planetária. Tal abrangência decorre do próprio caráter da transdisciplinaridade, que se constitui como intrinsecamente planetário (Nicolescu, 1999).

A princípio retomando a discussão pelo termo transdisciplinaridade, Nicolescu (1999) nos relata que ele surgiu por volta da década de 60, do intuito de transgredir as fronteiras disciplinares – principalmente no campo do ensino – e da busca de ir além da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade.

Esse movimento de ultrapassagem, entretanto, não implica a negação do conhecimento disciplinar, ao contrário, são complementares, pois, “epistemologicamente, o conhecimento transdisciplinar não nega a importância, a utilidade e os significados do conhecimento disciplinar, pluridisciplinar ou interdisciplinar” (Moraes, 2018, p. 34). Cada uma dessas formas ocupa um lugar específico na tessitura do conhecimento.

Enquanto as abordagens pluri e interdisciplinares permanecem vinculadas ao campo disciplinar, a transdisciplinaridade orienta-se pela compreensão do mundo em sua complexidade. Nessa perspectiva, um único nível de realidade mostra-se insuficiente para apreender tal complexidade,

(Nicolescu, 1999). Entre os indicativos dessa compreensão, destaca-se a busca por uma unidade do conhecimento, historicamente fragmentado e hiperespecializado pela cientificidade moderna.

Nesse contexto, a transdisciplinaridade apresenta um olhar mais leve e sensível às conexões, às religações e à própria vida. Tal orientação não se apresenta de forma isolada, mas ancorada na multidimensionalidade e na multirreferencialidade que atravessam os mundos interior e exterior do ser humano. É nesse entrelaçamento que emergem possibilidades de transições e articulações que sustentam uma visão transdisciplinar da existência.

Para que tal possibilidade se concretize, é importante observar que não basta adotar um discurso transdisciplinar; é necessário que o sujeito se constitua, interiormente, como transdisciplinar – isto é, que seja para poder ver e agir (Nicolescu, 1999).

O mundo contemporâneo, marcado por múltiplas conexões, exige um esforço que ultrapassa os limites do saber disciplinar, tanto para compreendermos a nós mesmos quanto para nos situarmos na sociedade e em nossa relação com a natureza, inseridos em contextos culturais específicos. Diante da insuficiência do conhecimento fragmentado, a transdisciplinaridade se apresenta como possibilidade de compreensão do mundo presente (Nicolescu, 1999).

A realidade, nesse sentido, não se configura como única nem linear, mas como resultado de interações complexas entre diferentes dimensões e componentes, o que demanda fundamentos epistemológicos consistentes. Para tanto, a transdisciplinaridade pode nos propiciar campos de âmbito conceitual, como o científico, o epistemológico e o metodológico; de ação ecologizada; e de atitude transdisciplinar ou de vida (Torre *et al.*, 2008). O primeiro campo (científico, epistemológico e metodológico) apresenta caminhos de compreensão da realidade a partir da visão de Nicolescu (1999), por meio dos três níveis de realidade, da complexidade e do terceiro incluído.

Já o segundo campo evidencia a importância de uma ação ecologizada, na qual o ser humano é compreendido em sua integralidade, articulando-se com a sociedade, consigo mesmo e com a natureza.

A perspectiva de transdisciplinaridade na concepção de Torre (2008, p. 137) se refere a “um olhar interativo e dialógico da realidade (entre, através e além das disciplinas), que busca uma compreensão coerente e global da realidade em suas múltiplas formas e níveis de emergir, com base na capacidade compreensiva e na intencionalidade do observador”. Com pontos de convergência e complementares, a transdisciplinaridade para Moraes (2021, p. 202) é “fruto da complexidade estrutural constitutiva da realidade que une os diferentes níveis fenomenológicos, as diferentes disciplinas, revelando-nos que toda identidade de um sistema complexo está sempre em processo de vir-a-ser”, trata-se de uma constante construção e religação de saberes.

Assim, o terceiro campo é compreendido a partir da atitude transdisciplinar, a qual se move com a finalidade de transformação da ação humana que envolve a totalidade que o compõe por meio das diferentes relações, ao mesmo tempo em que se abre para o novo em uma visão da compreensão e, também, de complementaridade (Torre *et al.*, 2008). Uma abertura que não exclui o que já foi construído, mas que integra para complementar.

Nicolescu (2018) nos convida a refletir sobre a relevância da transdisciplinaridade para a realidade contemporânea, estruturando sua argumentação em seis pontos. Inicialmente, destaca a ignorância que se produz no próprio movimento de aprofundamento das especializações. Ao recordar que, desde o século XIII, o número de disciplinas universitárias passou de sete para mais de oito mil, evidencia que a especialização em uma única área implica, simultaneamente, o distanciamento de milhares de outras, o que tende a gerar conflitos decorrentes da ausência de conhecimentos essenciais à vida.

Em seguida, o autor chama atenção para as transformações rápidas e intensas que atravessam o mundo, particularmente no campo do trabalho, exigindo dos sujeitos constantes deslocamentos de função. Todavia, tais exigências esbarram em limites formativos, uma vez que a educação permanece majoritariamente organizada sob bases disciplinares, dificultando a preparação para novas demandas.

O terceiro argumento incide sobre a dissociação entre a inteligência analítica e a inteligência dos sentimentos. Essa separação, ancorada em uma visão dualista, produz desequilíbrios, na medida em que uma tende a se sobrepor à outra, gerando implicações concretas, como situações-problema no âmbito da educação.

Na sequência, o quarto ponto aborda os fluxos migratórios contemporâneos e a insuficiência de diálogo diante da diversidade cultural, religiosa e espiritual que caracteriza tais movimentos, revelando tensões que ultrapassam fronteiras geográficas.

O quinto argumento retoma as transformações no campo da comunicação e da tecnologia, ressaltando a complexidade crescente dessas relações e evidenciando a inadequação de uma perspectiva fragmentada, isolada e linear para acompanhar tais mudanças.

Por fim, o sexto ponto enfatiza a necessidade de articulação entre centros universitários e a realidade social, considerando o enfrentamento de situações-problema que demandam conexões com diferentes campos do saber e da realidade local e global, indo além de currículos fechados e lineares.

Conjuntamente, esses argumentos reforçam a compreensão de uma realidade cada vez mais tensionada e multifacetada, que envolve dimensões diversas da vida humana e planetária. Nesse contexto, a abordagem transdisciplinar possibilita o resgate do ser – o sujeito transdisciplinar – por meio da articulação entre níveis de realidade e níveis de percepção, conforme proposto pelo conhecimento transdisciplinar.

A compreensão da dimensão epistemológica da transdisciplinaridade, entendida como um conhecer voltado ao próprio processo, articula-se com fundamentos que também se ancoram na dimensão metodológica (níveis de realidade, terceiro incluído e complexidade), concebidos como elementos indissociáveis.

Nessa perspectiva, o modo como o sujeito processa o próprio conhecer, assim como o seu transitar entre contextos, o reconhecimento e o estabelecimento de conexões entre saberes e experiências, bem como a sua relação com a realidade, o direciona para o encontro da sustentação nesse olhar

epistemológico. Tais fundamentos se estruturam na relação entre níveis de percepção e de realidade, entre sujeito e objeto, orientados pelos princípios de rigor, abertura e tolerância o que propicia um conhecimento de natureza transdisciplinar (Nicolescu, 1999).

Os níveis de realidade, amplamente discutidos na perspectiva transdisciplinar, permanecem como elementos centrais, ao indicarem a existência de múltiplas dimensões, e não de um único plano de realidade. Nicolescu (1999) destaca a coexistência de níveis como a macrofísica, a microfísica e o virtual, permitindo ao sujeito, a partir de diferentes níveis de percepção, estabelecer relações que sustentam a construção do conhecimento.

A passagem entre esses níveis de realidade ocorre por meio do terceiro incluído, que pode se configurar no próprio sujeito (Nicolescu, 1999), ao possibilitar, através de uma percepção, o trânsito entre diferentes dimensões, da macrofísica à microfísica, do virtual às esferas da subjetividade e intersubjetividade, tanto no plano individual quanto social, sendo no mundo interior e exterior (Moraes, 2008b).

O reconhecimento da existência de níveis de realidade/percepção e do terceiro incluído revela a compreensão amparada epistemologicamente em uma base da complexidade, a partir do momento que compreendemos que “epistemologicamente a complexidade é a matriz geradora da transdisciplinaridade” e que a “sua dinâmica é não linear, recursiva e, portanto, complexa” (Moraes, 2008b, p. 80). Em uma dimensão complementar, compreendemos a indissociabilidade que existe entre a complexidade e a transdisciplinaridade na compreensão planetária.

A existência planetária ultrapassa os olhos naturais humanos, que fazemos parte de algo maior, que tudo está de alguma maneira interligado e que as dimensões epistemológica, ontológica e metodológica necessitam se fazer presentes em nossas consciências e atitudes. Precisam ir além de um contexto educacional e investigativo, ir também para a vida, para compreendermos o mundo presente e contribuirmos para o futuro.

Com essa consciência somos impulsionados a seguir pelo caminho transformador de nós mesmos e de agentes dessa transformação também da

sociedade, para que este mundo seja melhor e supere as suas mazelas, que são consequências também da própria ação humana, como nos mostra a *Carta da transdisciplinaridade* (Lima; Morin; Nicolescu, 1994). Na dimensão epistemológica, a visão transdisciplinar por meio do caminhar nos revela certo rigor, ao mesmo tempo que também nos proporciona uma abertura para que sejam interligados diferentes conhecimentos e, ao mesmo tempo, nos propicie o equilíbrio por meio da tolerância, ou seja, a interligação não sobrepõe conhecimentos e nem diálogos diversos. A preocupação, ao trazermos o rigor para a visão e a atitude transdisciplinar, está em evitar os desvios e os equívocos e, por isso, atentamos com tolerância ao cuidado com os argumentos e aos dados para seguir o caminho transdisciplinar.

Ao mesmo tempo, é preciso estarmos abertos para descobertas, para o surgimento do inesperado, das novas ideias e suas possíveis transições. Entretanto, entre o rigor e a abertura o equilíbrio precisa ser considerado, bem como o olhar crítico e religador para evitarmos os desvios que fogem da visão transdisciplinar. A tolerância é o exercício forte que ultrapassa a visão do cientificismo, vai além do aceitar, ela caminha no campo do reconhecimento: esse reconhecer é dar voz, espaço, valorização ao que surge, seja convergente ao nosso pensamento ou contraditório, sejam ideias com as quais concordamos ou das quais discordamos.

Nessa perspectiva, o contraditório é reconhecido como complementar, como possíveis diálogos e reconstruções de novos saberes que as relações propiciam cotidianamente, pois o conhecimento transdisciplinar nos propõe ir além do previamente estabelecido e reconhece a complexidade existente em toda a parte (Moraes, 2008a).

Para tanto, em meio aos diversos pontos de convergência e fortalecimento epistemológico entre o pensamento complexo e a transdisciplinaridade, há um destaque importante no que se refere à compreensão de que ambos não se estabelecem na sustentação da concepção de teoria como pronta, determinada, completa e fechada pelo que se propõe, mas em uma concepção aberta e flexível.

Embora o pensamento complexo e a transdisciplinaridade tenham construções e interligações epistemológicas transformadoras para o mundo presente, a sua concepção não exclui as mudanças e futuras necessidades para um olhar de conexões e de religação que se fizerem emergentes.

Nesse movimento de convergência, delineia-se uma proposição no campo metodológico, vinculada à ecoformação, entendida como a efetivação de uma ação transformadora sustentada por uma conexão transdisciplinar e complexa. Trata-se de uma formação integral do sujeito, constituída em sua relação consigo mesmo, com o outro e com a vida planetária, em suas dimensões histórica, cultural, social e ambiental.

Considerações finais

Diante do diálogo epistemológico apresentado, percebemos que a compreensão do processo de conhecer, à luz da transdisciplinaridade, revela-se não apenas pertinente, mas necessária frente à complexidade do mundo contemporâneo. Ao retomarmos o objetivo de refletir sobre a dimensão epistemológica da transdisciplinaridade no processo de construção do conhecimento, com vistas à compreensão do mundo presente, entendemos que essa abordagem amplia as possibilidades de interpretação da realidade, ao superar a fragmentação dos saberes e promover a religação entre diferentes níveis de realidade, níveis de percepção e de saberes.

Essa reflexão permite deslocar o foco da transdisciplinaridade de um campo meramente conceitual para um horizonte de implicações transformadoras no modo como produzimos conhecimento e nos situamos no mundo. Nessa direção, a dimensão epistemológica evidencia que conhecer não é um ato neutro, mas um processo implicado, atravessado por escolhas, valores e modos de ver que configuram realidades possíveis. Assim, reconhecemos que toda produção de conhecimento carrega em si efeitos que reverberam para além do campo da pesquisa, para a vida.

Esse deslocamento também nos conduz a problematizar os limites das formas tradicionais de organização do saber, sobretudo quando estas se

mostram insuficientes para responder às demandas emergentes da contemporaneidade. Não se trata de negar tais formas, mas de reconhecer suas fronteiras e de criar condições para que possam dialogar com outras possibilidades de compreensão. Nesse sentido, a transdisciplinaridade se apresenta como um espaço de travessia, no qual diferentes racionalidades podem se encontrar sem que uma anule a outra.

Ao considerarmos a centralidade das relações nesse processo, torna-se evidente que o conhecimento se constitui na interação – entre sujeitos, saberes, contextos e experiências. Essa compreensão nos afasta de perspectivas isoladas e nos aproxima de uma visão que valoriza os entrelugares, os espaços de mediação e as zonas de contato. É nesse movimento que emergem possibilidades de construção de sentidos mais amplos, capazes de acolher a diversidade e a complexidade que caracterizam a realidade.

Outro aspecto que se destaca refere-se à necessidade de repensar as formas de formação humana, especialmente no que diz respeito à articulação entre dimensões cognitivas, sensíveis e éticas. Ao ampliarmos o olhar para além de uma formação centrada exclusivamente na racionalidade técnica, abrimos espaço para processos formativos que considerem o sujeito em sua integralidade. Tal perspectiva implica reconhecer que aprender envolve não apenas compreender, mas também sentir, refletir e posicionar-se diante do mundo.

Além disso, ao situarmos o debate no contexto das transformações contemporâneas, torna-se inevitável considerar a urgência de abordagens que favoreçam leituras mais integradas da realidade. A intensificação das interconexões globais, aliada à complexidade dos problemas atuais, demanda formas de pensamento que consigam articular múltiplas dimensões sem reduzi-las. Nesse cenário, a transdisciplinaridade se coloca como uma possibilidade de ampliação do olhar, contribuindo para a construção de respostas mais sensíveis e contextualizadas.

Para tanto, no campo das práticas, evidenciam-se essas reflexões a necessidade de cultivar posturas que sustentem a abertura ao diálogo, à escuta

e à construção compartilhada de conhecimentos de forma interconectada. Mais do que um conjunto de princípios, trata-se de um exercício contínuo de coerência entre pensar e agir. Nesse horizonte, a transdisciplinaridade se mantém como um convite permanente à reinvenção dos modos de conhecer e de viver, em sintonia com a complexidade que constitui a experiência humana e planetária.

Referências

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

LIMA, F.; MORIN, E.; NICOLESCU, B. **Carta da Transdisciplinaridade**. Convento de Arrábida, Portugal, 6 nov. 1994.

MORAES, M. C. **Ecologia dos saberes**: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008a.

MORAES, M. C. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na educação. Fundamentos ontológicos e epistemológicos, problemas e práticas. *In*: TORRE, S. de la; PUJOL, M. A.; MORAES, M. C. (org.). **Transdisciplinaridade e ecoformação**: um novo olhar sobre a educação. Tradução de Suzana Vidigal. São Paulo: Triom, 2008b. p. 61-86.

MORAES, M. C. Escolas criativas e transdisciplinares. *In*: Velasco, J. M. G. (coord.). **Transdisciplinariedad en la educación**: docencia, escuela y aula. Impresión: PRISA Ltda., Bolívia, 2018. p. 24-37.

MORAES, M. C. **Paradigma educacional ecossistêmico**: por uma nova ecologia da aprendizagem humana. Prefácio de Carlos Rodrigues Brandão. Rio de Janeiro: Wak, 2021.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

NICOLESCU, B. A radical shift in education: transdisciplinary education. *In*: Velasco, J. M. G. (coord.). **Transdisciplinariedad en la educación**: docencia, escuela y aula. Impresión: PRISA Ltda., Bolívia, 2018. p. 9-15.

PAUL, P. Transdisciplinaridade e Antropoformação: sua importância nas pesquisas em saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 14, n. 3, p. 72-92, set./dez. 2005.

TORRE, S. de la. O poder da palavra: significado e alcance da linguagem transdisciplinar e ecoformadora. *In*: TORRE, S. de la; PUJOL, M. A.; MORAES, M. C. (org.).

Transdisciplinaridade e ecoformação: um novo olhar sobre a educação. Tradução de Suzana Vidigal. São Paulo: Triom, 2008. p. 113-140.

TORRE, S. de la *et al.* Decálogo sobre transdisciplinaridade e ecoformação. *In:* TORRE, S. de la; PUJOL, M. A.; MORAES, M. C. (org.). **Transdisciplinaridade e ecoformação:** um novo olhar sobre a educação. Tradução de Suzana Vidigal. São Paulo: Triom, 2008. p. 19-59.

Recebido em 30 de março de 2026.

Aceito em 4 de abril de 2026.